

LITTERATURA

UM SONHO E OUTRO SONHO

Ciês em sonhos? Ha pessoas que os aceitam como a palavra do destino e da verdade. Outras ha que os desprezam. Uma terceira classe explica-os, attribuindo-os a causas naturaes. Entre tantas opiniões, não quero saber da tua, leitora, que me lês, principalmente se és viuva, porque a pessoa a quem aconteceu o que vou dizer era viuva, e o assumpto pôde interessar mais particularmente ás que perderam os maridos. Não te peço opinião, mas attenção.

Genoveva, vinte e quatro annos, bonita e rica, tal era a minha viuva. Tres annos de viuvez, um de ven longo, dons de simples vestidos pretos, chapéus pretos, e olhos pretos, que vinham do consorcio e do herço. A differença é que agora olhavam para o chão, e, se olhavam para alguma cousa ou alguém, eram sempre tristes, como os que já não têm consolação na terra nem provavelmente no céu. Morava em uma casa escondida, para os lados do Engenho Velho, com a mãe e os creolos. Nenhum filho. Um que lhe devia nascer, foi absorvido pelo nada: tinha cinco mezes de gestação.

O retrato do marido, bacharel Marcondes, ou Nhonhô, pelo nome familiar, vivia no quarto della, pendente da parede, moldura de ouro, coberta de crepe. Todas as noites, Genoveva, depois de resar a Nossa Senhora, não se deitava sem lançar o ultimo olhar ao retrato, que parecia olhar para ella. De manhã o primeiro olhar era para elle. Quando o tempo veio amortecendo o effeito da dôr, esses gestos diminuíram naturalmente e acabaram; mas a imagem vivia no coração. As mostras externas não diminuíam a saudade.

Rica? Não, não era rica, mas tinha alguma cousa; tinha o bastante para viver com a mãe, á larga. Era, conseguintemente, um bom negocio para qualquer moço activo, ainda que não tivesse nada de seu; melhor ainda para quem possuísse alguma cousa, porque as duas bolsas fariam uma grande bolsa, e a belleza da viuva seria a mais valiosa moeda do peculio. Não lhe faltavam pretendentes de toda a especie, mas todos perdiam o tempo e o trabalho. Carlos, Roberto, Lucas, Casimiro e outros muitos nomes inscreviam-se no livro dos passageiros, e iam-se embora sem esperanças. Alguns nem levavam saudades. Muitos as levavam em grande copia e das mais tristes. Genoveva não se deixou prender de ninguém.

Um daquelles candidatos, Lucas, pôde saber da mãe de Genoveva algumas circumstancias da vida e da morte do finado genro. Lucas tinha ido pedir licença á boa senhora para solicitar a mão da filha. Não havia necessidade, pois que a viuva dispunha de si; mas a incerteza de ser accoito suggeriu-lhe esse alvitre, afim de ver se ganhava a boa vontade e interessão da mãe.

— Não lhe deu tal conselho, respondeu esta.
— De pedir-a em casamento?
— Sim; ella deu-lhe alguma esperança?
Lucas hesitou.
— Vejo que não lhe deu nenhuma.
— Devo ser verdadeiro. Esperanças não tenho; não sei se D. Genoveva me perdoa, ao menos, a afecção que me inspira.
— Pois não lhe peça nada.
— Parece-lhe que...
— Que perderá o tempo. Genoveva não casará nunca mais. Até hoje tem a imagem do marido deante de si, vive da lembrança delle, chora por elle, e nunca se unirá a outro.
— Amaram-se muito?

— Muito. Imagine uma união que apenas durou tres annos. Nhonhô, quando morreu, quasi que a levou consigo. Viveram como dois noivos; o casamento foi até romanesco. Tinham lido não sei que romance, e aconteceu que a mesma linha da mesma pagina os impressionou egualmente; elle soube disso lendo uma carta que ella escrevera a uma amiga. A amiga attestou a verdade, porque ouvira a confissão de Nhonhô, antes de lhe mostrar a carta. Não sei que palavras foram, nem que romance era. Nunca me dei a essas leituras. Mas naturalmente eram palavras ternas. Fosse o que fosse, apaixonaram-se um pelo outro, como raras vezes vi, e casaram-se para ser felizes por longos annos. Nhonhô morreu de uma febre perniciosa. Não pode imaginar como Genoveva soffreu. Quis ir com o cadaver, agarrou-se ao caixão, perdeu os sentidos, e esteve fora quasi uma semana. O tempo e os meus cuidados, além do medico,

é que poderam vencer a crise. Não chegou a ir á missa; mandamos dizer uma, tres mezes depois.

A mãe exigera no ponto de dizer que foi a phrase do romance que ligou a filha ao marido; elles tinham naturalmente inclinação. A phrase não fez mais que fallar por elles. Nem por isso tira o romanesco de Genoveva e do finado Marcondes, que fizera versos aos dezoito annos, e aos vinte um romance, *A Bella do Sepulchro*, cuja heroína era uma moça que, havendo perdido o esposo, ia passar os dias no cemiterio, ao pé da sepultura delle. Um moço, que ia passar as tardes no mesmo cemiterio, ao pé da sepultura da noiva, viu-a e admirou aquella constancia posthuma, tão irmã da sua; ella o viu tambem, e a identidade da situação, os fez amados um do outro. A viuva, porém, quando elle a pediu em casamento, negou-se e morreu oito dias depois.

Genoveva tinha presente este romance do marido. Havia-o lido mais de vinte vezes, e nada achava tão pathetico nem mais natural. Mandou fazer uma edição especial, e distribuiu exemplares a todos os amigos e conhecidos da familia. A piedade conjugal desculpava esse obsequio pesado, ainda que gratuito. *A Bella do Sepulchro* era illegivel. Mas não se conclua dahi que o autor, como homem espirituoso, era inferior ás saudades da viuva. Inteligente e culto, commettera aquelle peccado litterario, que, nem por ser grande, o teria levado ao purgatorio.

Tres annos depois de viuva, appareceu-lhe um pretendente. Era bacharel, como o marido, tinha trinta annos, e advogava com tanta felicidade e real talento que contava já um bom peculio. Chamava-se Oliveira. Um dia, a mãe de Genoveva foi demandada por um parente, que pretendia haver duas casas della, por transações feitas com o marido. Querendo saber de um bom advogado, inculcaram-lhe Oliveira, que em pouco tempo venceu a demanda. Durante o correr desta, Oliveira foi duas vezes á casa de Genoveva, e só a viu da segunda; mas foi quanto bastou para achal-a interessantissima, com os seus vestidos pretos, tez muito clara e olhos muito grandes. Vencida a demanda, a constituinte metten-se em um carro e foi ao escriptorio de Oliveira, para duas cousas, agradecer-lhe e remunerar-o.

— Duas paga? retorquiu elle riado. Eu só recebo uma, — agradecimentos ou honorarios. Já tenho os agradecimentos.

— Mas...

— Perdõe-me isto, mas a sua causa era tão simples, correu tão depressa, deu-me tão pouco trabalho, que seria injustiça pedir-lhe mais do que a sua estima. Dá-me a sua estima?

— Seguramente, respondeu ella.

Quiz ainda fallar, mas não achava palavras, e saiu convencida de que era chegado o reino de Deus. Entretanto, querendo fazer uma fineza ao generoso advogado, resolveu dar-lhe um jantar, para o qual convidou algumas familias intimas. Oliveira recebeu o convite com alacridade. Não gostava de perfumes nem adornos; mas nesse dia borrifou o lenço com Jacky-Club e pôz ao peito uma rosa amarella.

(Continúa).

MACHADO DE ASSIS.

CHRONIQUETA

Rio, 19 de Maio de 1892.

A abertura do parlamento. — A mensagem. — O lixo. — O jogo. — Meio de repressão. — Desabastecimento. — Corina Coaracy. — Hypolito Caron.

Desconfio que ás leitoras muito pouco interessa a noticia de estar aberto o Parlamento, e de ter sido lida uma grande mensagem que, dizendo muita coisa, pouco diz...

Esse importante documento official não produziu, infelizmente, o bom effeito que se esperava; reconhecerem os proprios amigos do governo, em cujo numero não se me dá que me contem. A mensagem não expõe com a desejada clareza os motivos que levaram o vice-presidente da Republica a lançar mão das medidas violentas que todos sabem, e é de um optimismo panglossiano relativamente ao estado das nossas finanças. Esses dois pontos causaram má impressão. Parece-me que o governo tem que descalçar uma bota muito apertada...

A parte politica, forneceu a quinzena outro grande assumpto do que não se deve tratar n'um periodico destinado ás senhoras: a remoção do lixo. E' essa a grande questão que neste momento preoccupa a Intendencia Municipal, a imprensa, os caracoceros, e advogado João Marquez e o publico.

Liberal! varramos o quanto antes d'estas columnas, que eu quizeria rescenderem ás mais lindas esencias de Huibigant ou Guerlain...

O jogo...

Ora aqui está um assumpto, este sim, que interessa directamente ás senhoras, porque, na realidade, são ellas as primeiras victimas d'esse vicio maldito, que traz consigo todos os outros. A quantas privações e vergonhas não as obriga o jogo!

A policia tem ultimamente desenvolvido grande actividade na perseguição do jogo, mas isso de nada vale.

O jogador de profissão é capaz de subir ao Pão do Assucar para satisfazer o seu vicio; o que não é capaz de fazer é deixar de jogar, — isso não! E quanto mais rigor houver por parte da policia, mais jogadores haverá. Appetece tanto o fructo prohibido!

Os antros de jogatina multiplicam-se, e é mada agora distarcal os com o falso rotulo de clubs. O Cassino, que era, pode-se dizer, o nosso unico salão de baile, foi transformado em casa de jogo. Joga-se desesperadamente no *Club Fluminense*, estabelecido por cima da pharmacia Hollanda, e não tarda a inaugurar-se o *Cercle Federal*, que está sendo preparado com muito luxo n'um predio onde ha tempos — que irrisão do acaso! — funcionou a propria Policia, e de onde ha vinte e nove annos sahi o enterro de João Caetano dos Santos.

O que os poderes publicos devem fazer é lançar pesados, pesadissimos impostos sobre as casas em que se joga, e multar com o dobro ou o triplo d'esses impostos os proprietarios daquellas em que se jogar sem licença.

E' o unico meio, não de supprimir o jogo — isso é impossivel —, mas de reprimil-o, o que já não seria pouco.

Impressionou dolorosamente toda a nossa população a noticia do desabamento de uma casa na rua do Carmo, produzindo sete mortes e oito ferimentos.

E' natural que de hoje em diante a Intendencia Municipal abra os olhos, e não consinta que continuem de pé, como uma eterna ameaça, uns tantos pardieiros velhos que para nada servem, nem mesmo como archeologia.

A chronica da morte é bem consideravel...

Como não escrevi a *Chroniqueta* no ultimo numero da *Estação*, perdi o ensejo de dizer alguma coisa sobre o fallecimento de Corina Coaracy, a nossa adoravel C. G. No *Pharol*, de Luiz de Lora, e no *Industrial*, desta cidade, me desobriguei d'esse penoso dever de amigo e collega.

Corina ha de ser sempre lembrada como o beijação das nossas escriptoras.

— Entre outros mortos da quinzena figura Hypolito Caron, o insigne paisagista brasileiro, que não tinha ainda trinta annos, e succumbiu a uma febre palustre.

Pesa sobre a arte nacional a classica mão da fatalidade, não ha que ver. A morte de Caron é uma perda sensivel.

Eloy, o heróe.

THEATROS

Rio, 19 de Maio de 1892.

Nada de novo.

No Recreio continúa a fazer successo o *Commissario de policia*; no Variedades a *Filha de Fanchon* cede hoje o palco a *Frei Satanay*, com o barytono Vienna no papel do protagonista; no Sant'Anna o actor Joaquim de Almeida faz jasco no papel de Gaspar dos *Sin's de Cornerille*, e os outros artistas preparam uma reprise da *D. na Juanita* para beneficio do Mattos; o Lucinda vai attrahindo alguma concorrência com o drama *Surcouf*; na Phénix explora-se a *Cabana do pae Thoma*; no Apollo a *Pera de Satanay*; todas as noites causa o mesmo entusiasmo das primeiras recitas, e o Polytheama enche-se representando zarzuelas velhas, estafadissimas, com uma *mise-en-scène* digna de Matto-Grosso, mesmo antes de transformado em Republica Transatlantica.

Em ensaios: no Lucinda, o *Despenhadeiro do Diabo* drama; no Variedades, as *Maçãs de ouro*, magica; no Apollo, o *Tribofe*, revista.

O *Tribofe* ha muito tempo está prompto para subir á scena, mas o successo da *Pera de Satanay* não o tem consentido.

X. V. Z.

AS NOSSAS GRAVURAS

Paisagem de inverno

Disse um dia o humorístico Alphonse Karr, *triste e frio como um inverno scandinavo*.

E' tanta razão o grande escriptor francez. Nada ha mais triste no mundo, não ha into mais pezado do que um dia de Dezembro, nas velhas regiões septentrionaes do norte da Europa.

E' preciso que se tenha visto a natureza omida e paralyzada, como um sepulchro; os montes alvos de gelo, as arvores paradas, como que por um poder magico; nenhum signal de vida, nenhum raiado a

LITTERATURA

UM SONHO E OUTRO SONHO

(Continuação.)

Genoveva recebeu o advogado como re ebia outros ho nens; a differença, porém, entre elle e os outros é que estes apresentavam logo no primeiro dia as credenciaes, e Oliveira não pedia sequer audiência. Entrou como um estrangeiro de passagem, curioso, affavel, interessante, tratando as cousas e pessoas como os passageiros em transitio as cidades de escala. Genoveva teve excellente impressão do homem; a mãe estava encantadissima.

— Enganei-me, pensou Genoveva recolhendo-se ao quarto. Cuidei que era outro pedinte, entretanto... Mas, porque motivo fez o que fez, e aceitou o jantar de amanhã?

Chegou a suspeitar que a mãe e o advogado estavam de accordo, que ella não fizera mais que buscar occasião de os apresentar um ao outro, e travar relações. A suspeita cresceu quando, dias depois, a mãe fallou em visitar a mãe de Oliveira, com quem este vivia; mas a promptidão com que aceitou as suas razões de negativa, tornaram a moça perplexa. Genoveva examinou o caso e reconheceu que attribuia á mãe um papel menos proprio; varreu-se-lhe a supposição. Demais, (e isto valia por muito) as maneiras do homem estavam em desaccordo com quaesquer projectos.

Travadas as relações, bem depressa as duas familias se visitaram, e a miúdo. Oliveira residia longe; mas achou casa perto e mudou-se. As duas mães achavam-se reciprocamente encantadoras, e tanto a de Genoveva gostava de Oliveira, como a de Oliveira gostava de Genoveva. Tudo isto vai parecendo symetrico; mas eu não tenho modo de contar differentemente cousas que se passaram assim, ainda que reconheça a conveniencia de as compôr algo. Quando menos, falta-me tempo. A verdade é que as duas matronas se amavam e trabalhavam para fazer os filhos encontradigos.

Um, dois, tres mezes correram, sem que Oliveira revellasse a menor inclinação á viuvinha. Entretanto, as horas passadas com elle, em qualquer das casas, não podiam ser mais deleitosas. Ninguém sabia encher o tempo tão bem, fallando a cada uma das pessoas a sua propria linguagem. Durante esse prazo teve Genoveva ainda um pretendente, que não recebeu melhor agasalho; parece até que tratou a este com uma sombra de despeito e irritação inexplicaveis, não só para elle, como para ella propria.

— Realmente, o pobre diabo não tem culpa que eu seja viuva, disse ella comsigo.

«Que eu seja bonita», é o que ella devia dizer, e pôde ser que tal idéa chegasse a bater as azas, para atravessar-lhe o cerebro; mas, ha certa modestia inconsciente, que faz evitar confissões, não digo presumidas, mas orgulhosas. Seja o que for, Genoveva chegou a ter pena do pretendente.

— Porque não se portou elle como o Oliveira, que me respeitava? continuou comsigo.

Entrára o quarto mez das relações, e o respeito do advogado não diminuiu. Jantaram juntos, algumas vezes, e chegaram a ir juntos ao theatro. Oliveira abriu até um capitulo de confidencias com ella, não amorasas, é claro, mas de sensações, de impressões, de cogitações. Um dia, disse-lhe que, em pequeno, tivera desejo de ser frade; mas, levado ao theatro, e assistindo á comedia do Panna, o

Noviço, o espectáculo do menino, vestidinho de frade, e correndo pela sala, a bradar: *eu quero ser frade! eu quero ser frade!* fez-lhe perder todo o gosto da profissão.

— Achei que não podia vestir um habito assim profanado.

— Profanado, como? O habito não tinha culpa.

— Não tinha culpa, é verdade; mas eu era criança, não podia vencer essa impressão infantil. E parece que foi bom.

— Quer dizer que não seria bom frade?

— Podia ser que fosse soffivel; mas eu quizera sel-o excellente.

— Quem sabe?

— Não; dei-me tão bem com a vida do fóro, com esta chicana da advocacia, que não é provavel tivesse a vocação contemplativa tão perfeita como quizera. Ha só um caso em que eu acabaria n'um convento.

— Qual?

Oliveira hesitou um instante.

— Se enviuvasse, respondeu.

Genoveva, que sorria, aguardando a resposta, fez-se rapidamente seria, e não retorquiu. Oliveira não acrescentou nada, e a conversa naquella dia acabou menos expressiva que das outras vezes. Posto que tivesse o somno prompto, Genoveva não dormiu logo que se deitou: ao contrario, ouviu dar meia noite, e esteve ainda muito tempo acordado.

Na manhã seguinte, a primeira cousa em que pensou foi justamente na conversação da vespera, isto é, naquella ultima palavra de Oliveira. Que havia nella? Apparentemente, pouco; e pode ser que, na realidade, ainda menos. Era um sentimento de homem que não admittia o mundo, depois de roto o consorcio, e iria refugiar-se na solidão e na religião. Confessemos que não basti para explicar a preocupação da nossa viuva. A viuva, entretanto, não viveu de outra cousa, durante esse dia, salvo o almoço e o jantar, que ainda assim foram quasi silenciosos.

— Estou com dor de cabeça, respondeu á mãe, para explicar as suas poucas palavras.

— Toma antipyrina.

— Não, isto passa.

E não passava. Se enviuvasse, elle iria metter-se em um convento, pensava Genoveva; logo era uma censura a ella, por não ter feito o mesmo. Mas que razão havia para desejal-a recolhida a um mosteiro? Pergunta torto; parece que a pergunta direita seria esta outra: «que razão haveria para não desejal-a recolhida a um mosteiro?» Mas se não era direita, era natural, e o natural é muitas vezes torto. Pode ser até que, bem exprimidas as primeiras palavras, deixem o sentido das segundas; mas, eu não faço aqui psychologia, narro apenas.

Atraz d'aquelle pensamento, veio outro mui diverso. Talvez que elle tivesse tido alguma paixão, tão forte, que, se casasse e enviuvasse... E porque não a teria ainda agora? Pode ser que amasse a alguém, que pretendesse casar, e que, se acaso perdesse a mulher amada, fugisse ao mundo para sempre. Confessara-lhe isto, como usava fazer a outros respeitos, como lhe confessava opiniões, que dizia não repetir a ninguém mais. Essa explicação, posto que natural, atordoou Genoveva ainda mais que a primeira.

— Afinal, que tenho eu com isto? Faz muito bem.

Passou mal a noite. No dia seguinte foi com a mãe fazer compras á rua do Ouvidor, demorando-se muito, sem saber porquê, e olhando para todos os lados, sempre que sabia de uma loja. Passando por

um grupo estremeceu e olhou para as pessoas que fallavam, mas não conheceu nenhuma. Tinha ouvido, entretanto, a voz de Oliveira. Ha vezes parecidas com outras, que enganam muito, ainda quando a gente vai distraída. Ha tambem ouvidos mal educados.

MACHADO DE ASSIS.

(Continuação.)

Retorno

Olha! volto de novo.—Olha! de novo á cranga
Eu volto.—E o mesmo o templo.—O teu olhar traspassa,
Rasga, illumina em fogo, á abobada suspensa
De onde pende, do incenso a mesma nave em bacia.

Sinos rebatando o glorioso repique,
Toda a massa dos fieis pelos degrãos do altar
Deixa que suba a prece e que a esperança fique
A flor dos corações como algas sobre o mar.

E o mesmo ainda o canto invisivel e crente;
O tharibulo de ouro o mesmo fumo evola,
E do órgão gemebundo o queixume plangente
E o mesmo que nos alima embriaga e consola.

Aquece-me de novo o mesmo fogo interno,
Plange-me dentro d'alma o mesmo canto-chão
Que no ouvido me entrou pelo labio materno
Como um vinho de Cós num cerebro pagão.

Mas uma timidez de neophito me invade,
A alma se me conturba, a vista emmarellecce...
Sinto-me tropeçar a cada claridade
E a cada treva sinto um corpo em que tropecei...

Porque em ti não achar o desejado gaula
Que o titubante passo, estradas atravez,
Conduza onde não haja além da luz do dia
Outra luz que não seja a que vejo a teus pés.

Vem! que por tua voz de madrigaes suaves,
Fanatico, a pisar, enfebrecido e lauto,
Eu descubra o caminho atravez d'estas naves
E me tires a venda aos olhos pouco a pouco.

Accenta no agasalho ardente do teu beijo,
A alma cheia de medo e cheia de terror,
E n'esta indecisão do primeiro desejo
Mata o dragão do ciúme e da vida ao amar.

Faz do nimbo do olhar o meu unico tecto
A unica inspiração me venha do teu riso,
Que eu não sei se haverá n'outrem maior affecto
Se igual dedicação n'este mundo diviso.

Queira, a furia do mar que em teus olhos se mira,
Queira, a calma do luar que o teu olhar contém,
Naufragar o temor que esta paixão me inspira
E a esperança banhar da alegria que vem!

Esmar de Moraes.

CHRONIQUETA

Rio, 7 de Junho de 1892.

O Solimões — Esporanga fugitiva — Assumptos — Um pallio de chroniquista

O grande assumpto que tem enchido a historia dos ultimos dias é o desaparecimento do *Solimões*, facto mysterioso e terrivel, que levou o luto ao coração de todos os brasileiros.

Se bem que não se desvanecesse ainda em todos os espiritos a esperança de ver voltar o pobre vaso de guerra ao ancoradouro de onde nunca o deviam ter arrancado, melancolico, ferido, atestado n'um reboque humilhante, mas trazendo no bojo uma infeliz centena de brasileiros sacrificados ao serviço da Patria, — se bem que essa esperança não se desvanecesse ainda em todos os espiritos, a caridade não descançou, nem descança, procurando por todos os meios suavisar a enorme dor das familias dos naufragos, postas entre a hypothese risivel e fortuita de que o navio não se desbaratou, e o certo infernal de ser definitivamente confirmada a noticia do doloroso desastre.

LITTERATURA

UM SONHO E OUTRO SONHO

(Continuação)

A declaração de Oliveira de que entraria para um convento, se chegasse a enfiar, não sabia da cabeça de Geneveva. Passaram-se alguns dias sem ver o advogado. Uma noite, depois de cuidar no caso, Geneveva olhou para o retrato do marido antes de deitar-se; repetiu a acção no dia seguinte, e o costume dos primeiros tempos da viuvez tornou a ser o de todas as noites. De uma vez, mal adormecera, teve um sonho extraordinário.

Appareceu-lhe o marido, vestido de preto, como se enterrára, e poz-lhe a mão na cabeça. Estavam em um lugar que não era bem sala nem bem rua, uma coisa intermédia, vaga, sem contornos definidos. O principal do sonho era o finado, cara pallida, mãos pallidas, olhos vivos, certo, mas de uma tristeza de morte.

— Geneveva, disse-lhe elle.

— Nhonhô, murmurou ella.

— Para que me perturba a vida da morte, o sonho da eternidade?

— Como assim?

— Geneveva, tu esqueceste-me.

— Eu?

— Tu amas a outro.

Geneveva negou com a mão.

— Nem ousas fallar, observou o defunto.

— Não, não amo, acudiu ella.

Nhonhô affastou-se um pouco, olhou para a antiga esposa, abanou a cabeça incredulamente, e cruzou os braços. Geneveva não podia faltar-lhe.

— Levanta os olhos, Geneveva.

Geneveva obedeceu.

— Ainda me amas?

— Oh! ainda! exclamou Geneveva.

— Apesar de morto, esquecido dos homens, hospede dos vermes?

— Apesar de tudo!

— Bem, Geneveva; não te quero forçar a nada, mas se é verdade que ainda me amas, não conspurques o teu amor com as caricias de outro homem.

— Sim.

— Juras?

— Juro.

O finado estendeu-lhe as mãos, e pegou nas della; depois, entregando-a pela cintura, começou uma valsa rápida e lugubre, giro de loucos, em que Geneveva não podia faltar nada. O espaço já não era sala, nem rua, nem sequer praça; era um campo que se alargava, a cada giro dos dous, por

modo que, quando estes pararam, Geneveva achou-se em uma vasta planície, semelhante a um mar sem praias; cirenou os olhos, a terra pegava com o céu por todos os lados. Quiz gritar; mas sentiu na boca a mão fria do marido que lhe dizia:

— Juras ainda?

— Juro, respondeu Geneveva.

Nhonhô tornou a pegar-lhe da cintura, a valsa recommençou, com a mesma vertigem de giros, mas com o phenomeno contrario em relação ao espaço. O horizonte estreitou-se a mais e mais, até que elles se acharam n'uma simples sala, com este appendice:



ESQUECIDA

uma eça e um caixão aberto. O defunto parou, trepou ao caixão, mett-u-se nelle, e fechou-o; antes de fechado, Geneveva viu a mão do defunto, que lhe dizia adeus. Soltou um grito e acordou.

Parece que, antes do grito final, soltára outros de angustia, porque quando acordou, viu já ao pé da cama uma preta da casa.

— Que foi, Nanhã?

— Um pesadelo. Eu disse alguma coisa? fallei? gritei?

— Nanhã gritou duas vezes, e agora outra vez.

— Mas foram palavras?

— Não, senhora; gritou só.

Geneveva não pôde dormir o resto da noite. Sobres a manhã chegou a conciliar o sono, mas este foi interrompido e curto.

Não referiu a mãe os pormenores do sonho; disse só que tivera um pesadelo. De si para si, acceitou aquella visão do marido e as suas palavras, como determinativas do seu proceder. Ao demais, jurara, e este vinculo era indestructivel. Examinando a consciencia, reconheceu que estava prestes a amar Oliveira, e que a noticia desta affeição, ainda mal expressa, tinha chegado ao mundo onde vivia o marido. Ella eria em sonhos; tinha para si que elles eram avisos, consolações e castigos. Havia-os sem valor, sonhos de brincadeira; e ainda esses podiam ter alguma significação. Estava dito; acabaria com aquelle principio de qualquer coisa que Oliveira conseguira inspirar-lhe, e tendia a crescer.

Na seguinte noite, Geneveva despediu-se do retrato do marido, resou por elle, e metten-se na cama com receio. Custou-lhe dormir; mas, afinal o sono fechou-lhe os lindos olhos e a alma acordou sem ter sonhado nada, mal nem bem; acordou com a luz do sol que lhe entrava pelas portas das janellas.

Oliveira deixára de ir alli uma semana. Geneveva espantou-se da ausencia; a mãe quiz ir á casa d'elle saber se era alguma doença, mas a filha tirou-lhe a ideia da cabeça. No principio da outra semana, appareceu elle com a mãe; tinha tido um resfriamento, que o retouve de cama tres dias.

— Eu não disse? acudiu a mãe de Geneveva. Eu disse que havia de ser negocio de doença, por que o doutor não deixa de vir tanto tempo...

— E a senhora não acreditou? perguntou Oliveira á linda viúva.

— Confesso que não.

— Pensa, como minha mãe, que sou invulneravel?

Suocederam-se as visitas entre as duas casas, mas nenhum incidente veio perturbar a resolução em que estava Geneveva de cortar inteiramente quaesquer esperanças que podesse haver dado ao advogado. Oliveira era ainda o mesmo homem respeitoso. Passaram-se algumas semanas. Um dia, Geneveva ouviu dizer que Oliveira ia casar.

— Não é possível, disse ella á amiga que lhe deu a noticia.

— Não é possível, porque? acudiu a outra. Vae casar, com a filha de um commerciante inglez, um Stanley. Todos sabem disto.

— Enfim, como eu pouco saio...

Justifiquemos a viúva. Não lhe parecia possível, porque elle visitava-as com tal frequencia, que não se podia crer em casamento tratado. Quando visitaria a noiva? Apesar da razão, Geneveva sentia que podia ser assim mesmo. Talvez o futuro sogro fosse algum exquisito, que não admittisse a visita de todas as noites. Notou que, a par disto, Oliveira era desigual com ella: tinha dias e dias de total indiferença, depois lá vinha um olhar, uma palavra

LITTERATURA

UM SONHO E OUTRO SONHO

(Conclusão)

Que poderá haver entre uma viuva que promette ao finado esposo, em sonhos, não contrahir segundas nupcias, e um advogado que declara, em conversação, que jamais se casará? Parece que nada ou muito; mas é que o leitor não sabe ainda que este Oliveira tem por plano não saltar o barranco sem que ella lhe estenda as duas mãos, posto que a adeira, como dizem todos os enamorados. A ultima declaração teve por fim dar um grande golpe, por modo que a desafiasse a desmentir-se. E pareceu-lhe, ao sair, que algum effeito produzira, visto que a mão de Genoveva tremia um pouco, muito pouco, e que a ponta dos dedos... Não, aqui foi illusão; os dedos della não lhe fizeram nada.

Notem bem que eu não tenho culpa destas historias enfadonhas de dedos e contra-dedos, e palavras sem sentido, outras meio inclinadas, outras claras, obscuras; menos ainda dos planos de um e das promessas de outro. Eu, se pude-e, logo no segundo dia tinha pegado em ambos, ligava-lhes as mãos, e dizia-lhes: Casem-se. E passava a contar outras historias menos monotonas. Mas, as pessoas são estas; é preciso accetá-las assim mesmo.

Passaram-se dias, uma, duas, trez semanas, sem incidente maior. Oliveira parecia deixar a estratégia de Fabio Cuntactor. Um dia declarou francamente á viuva que a amava; era um sabbado, em casa della, antes de jantar, em quanto as duas mães os tinham deixado sós. Genoveva abria as folhas de um romance francez, que Oliveira lhe trouxera. Elle fitava pela centesima vez uma aquarella, pendurada no trecho de parede que ficava entre duas janellas. Bem ouvia a faca de marfim rasgando as folhas espessas do livro, e o silencio deixado pelas duas senhoras que tinham deixado a sala; mas não voltava a cabeça nem baixava os olhos. Bixou-os de repente, e voltou-os para a viuva. Ella sentia-os e, para dizer alguma coisa:

— Sabe se é bonito o romance? perguntou, parando de rasgar as folhas.

— Dizem-me que sim.

Oliveira foi sentar-se em um *pouf*, que estava ao pé do sophá, e fitou as mãos de Genoveva, pousadas sobre o livro aberto, mas as mãos continuaram o seu officio para escapar á admiração do homem, como se, cortando as folhas, fossem menos admiráveis que paradas. Alongou-se o silencio, um silencio constrangido, que Genoveva quizeria romper, sem achar modo nem occasião. Pela sua parte, Oliveira tinha impetos de lhe dizer subitamente o resto do que ella devia saber pelos ultimos dias; mas não cedia aos impetos, e acabou trivialmente elogiando-lhe as mãos. Não valia a pena tanto trabalho para acabar assim. Elle, porem, vexado da situação, poz toda a alma na boca e perguntou á viuva se des-java ser sua esposa.

Desta vez, as mãos pararam sem plano. Genoveva, confusa, pregou os olhos no livro, e o silencio entre os dous fez-se mais longo e profundo. Oliveira olhava para ella; via-lhe as palpebras cabisgadas, e a respiração curta. Que palavra estaria dentro della? Hesitava pelo vexame de dizer que sim? ou pelo aborrecimento de dizer que não. Oliveira tinha razões para crer na primeira hypothese. Os ultimos dias foram de accordo tacito, de consentimento prévio. Entretanto, a palavra não sahia; e a

memoria do sonho veio complicar a situação. Genoveva recordou-se da penosa e triste valsa, da promessa e do feretro, e empallideceu. Nisto foram interrompidos pelas duas senhoras, que voltaram á sala.

O jantar foi menos animado que de costume. De noite, vieram algumas pessoas, e a situação peiorou. Separaram-se sem resposta. A manhã seguinte foi cheia de tédio para Genoveva, um tédio temperado com alegria que bem fazia adivinhar o estado da alma da moça. Oliveira não appareceu nesse dia; mas, veio no outro, á noite. A resposta que ella lhe deu não podia ser mais decisiva, ainda que tremula e murmurada.

Ha aqui um repertorio de pequenas cousas infinitas, que não pôde entrar em um simples conto nem ainda em longo romance, não-teria graça escripto. Sabe-se o que succede desde a accitação de um noivo até o casamento. O que se não sabe, porém, é o que aconteceu com esta nessa amiga, dias antes de casar. É o que se vai ler para acabar.

Desde duas semanas antes da pergunta de Oliveira, a viuva olhava-se sem olhar para o retrato do finado marido. Logo depois da resposta olhava-o algumas vezes, de soslaio, até que tornou ao anterior costume. Ora, uma noite, quatro dias antes de casar, como houvesse pensado no sonho da valsa, e na promessa não cumprida, deitou-se com medo e só dormiu sobre a madrugada. Nada lhe succedeu; mas, na segunda noite, teve um sonho extraordinario.

Não era a valsa do outro sonho, posto que, ao longo, na penumbra via uns contornos cinzentos de vultos que andavam á roda. Viu, porém, o marido, a principio severo, depois triste, perguntando-lhe com é que se esquecera da promessa. Genoveva não respondeu nada; tinha a bocca tapada por um carrasco, que era não menos que Oliveira.

— Responde, Genoveva!

— Ah! ah!

— Tu esqueceste tudo. Estás condemnada ao inferno!

Uma lingua de fogo lambem a parte do céu, que se conservava azul, porque todo o resto era um amontado de nuvens carregadas de tempestade. Do meio dellas sahia um vento furioso, que pegou da moça do defuncto marido e de novo e os levou por uma estrada fôra, estreita, lamacenta cheia de cobras.

— O inferno! sim! o inferno!

E o carrasco tapava-lhe a bocca, e ella mal podia gemer uns gritos abafados.

— Ah! ah!

Parou o vento, as cobras ergueram-se do chão e dispersaram-se no ar, entrando cada uma pelo céu dentro; algumas ficaram com a cauda d'fôra. Genoveva sentiu-se livre; desaparecera o carrasco, e o defuncto esposo, de pé, poz-lhe a mão na cabeça, e disse com voz prophetica:

— Morrerás se casares!

Desappareceu tudo; Genoveva accorreu; era dia. Erguen-se tremula; o susto foi passando, e, mais tarde, ao cuidar no caso, dizia consigo: « São sonhos! » Casou e não morreu.

MACHADO DE ASSIS.

Um baile

(Continuação)

Depois da nossa apresentação que foi simplesmente feita por Mme. Daunon, Mme. P... mostrou-nos graciosamente um ponto do salão onde Thereza sen-

tou-se, ao lado de algumas outras jovens, em uma cadeira de primeira fila, enquanto Mme. Daunon, Mme. Balmier e eu tomavamos assento na segunda.

— Talvez vá aborrecer-se um pouco, disse-me baixinho Mme. Balmier; é ainda muito moça o que lhe dá direito a um lugar nas fileiras dos que dançam.

Sorriu-me, o que para ella equivalia a uma resposta.

Em pouco tempo uma multidão de rapazes apresentou-se deante das moças para tirá-las para dançar; algumas d'ellas nem se quer occultavam a sua alegria. Eram as estreitantes.

Os cavalheiros que têm pratica dos salões, antes de convidar uma moça, parecem pedir autorização para isso, inclinando-se ligeiramente deante da mãe ou da dama que se acha por traz da pessoa solicitada.

— Thereza não tem *cornet* para inscrever o nome de seus pares, ponderou eu a Mme. Balmier. Como poderá ella lembrar-se?

— Não fazendo muitas promessas adiantadas, respondeu-me ella. Sem censurar absolutamente este uso, que aliás é menos commum hoje, do que antigamente, minha irmã deseja que sua filha não se comprometta senão para as duas ou tres danças mais próximas.

Ha uma especie de pretenção orgulhosa nesta contabilidade feita pelas raparigas que assim inscrevem o nome dos seus pares e as danças promettidas, e Thereza nunca o fara.

— Mas não pode dar-se o caso de prometter a mesma coisa a dois cavalheiros?

— Este deploravel equívoco, que pode produzir os mais tristes resultados, não pode ser commettido por uma senhora um pouco sensata e reflectida que tenha o habito de prometter apenas duas ou tres danças, adeantadamente.

Vou contar a deploravel historia de uma moça, a este respeito.

Adelina P. fôra ao baile, sem sua mãe, com uma amiga mais velha e indifferente que não se sentara por trás da outra, porque tambem queria divertir-se, não podendo por isso constituir-se sua guarda vigilante.

Adelina era frívola e coquette, e dentro de pouco tempo tinha em torno de si um verdadeiro enxame de pretendentes.

E estrevia, impensadamente no seu *cornet*, os nomes de quantos se dirigiam a ella.

Sentia-se tão orgulhosa do seu triumpho que não tinha outro pensamento senão olhar para as moças, suas vizinhas, afim de descobri-lhes na physionomia a inveja que ella julgava fazer despertar. Mas, á oitava ou decima mazurka, um joven com quem ella já havia dançado muito, apresentou-se e offereceu-lhe o braço.

Nesta occasião um outro apresentou-se igualmente e reclamou por um primeiro compromisso feito com elle.

Os dois olharam-se com uma colera surda que inutilmente procuravam conter; Adelina, interpellada por cada um delles, não sabia o que responder; e, vacillante, voltava os olhos para o primeiro a quem parecia dar preferencia.

Mas cada um delles sustentava o que suppunha ser o seu direito, com uma persistencia que bem se poderia chamar de grosseria.

Um homem, bem educado em taes circumstancias, deve saudar com fria polidez a mulher que assim procede e retirar-se immediatamente.

No caso vertente, porém, Adelina nem se quer teve esse desenlace para sua imprudencia.

Os dois homens em voz baixa atiraram-se um desafiio que devia ter, como resultado, um encontro pelas armas.

A velha senhora, sentada por trás da dançarina, occupa a em conversar com sua vizinha, nem se quer se apercebera do que se tinha passado. Não via a imprudente accetiar, apressada e alegremente, a braço do primeiro dos seus pares e atirar-se, mais uma vez, com elle, no meio de uma quadrilha.

Mas antes de finda a *soirée*, toda a gente conhecia a historia do duellio que teve lugar no dia seguinte, e cujos detalhes augmentados pela gallica mandana, prejudicaram, por tal modo a reputação de Adelina,